

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUI



CURSO DE FILOSOFIA

JOSÉ ALVES MORAIS

A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO SOFISTA PARA A HISTÓRIA DA
FILOSOFIA.

TERESINA/PIAUI

2016

JOSÉ ALVES MORAIS

A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO SOFISTA PARA A HISTÓRIA DA
FILOSOFIA

**A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO SOFISTA PARA A HISTÓRIA DA
FILOSOFIA.**

Trabalho de conclusão de curso de
licenciatura em Filosofia apresentado ao
Instituto Católico de Estudos Superiores
do Piauí como requisito parcial para
obtenção do título de licenciatura em
Filosofia.

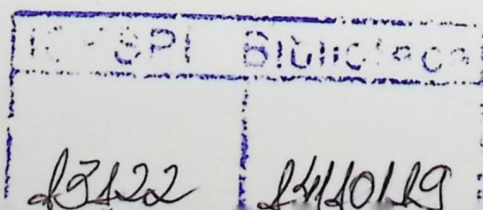
p. 33

Orientador: Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana

cod. 5849
100
M827i
Ed. 01

TERESINA/PIAUI

2016



JOSÉ ALVES MORAIS

**A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO SOFISTA PARA A HISTÓRIA DA
FILOSOFIA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a banca examinadora do Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí como um dos pré-requisitos para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia.

Aprovada em ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana, ICESPI.
Orientador

Profª. Ms. Elenir Cardoso Figueiredo, ICESPI.
Examinadora

Prof. Ms. Pe. Jonilson Torres Resende, ICESPI.
Examinador

AGRADECIMENTOS

À Maria Alves Moraes, *in
memoriam*, minha Mãe, a Manuel Lucas
Moraes, meu Pai pela força e inspiração
em meio às dificuldades e felicidades ao
longo da vida.

Aos Professores José Alves Fernandes, professor Campos e Elson Figueiredo
por sua dedicação e comprometimento com o saber, sabedoria e saber Resolvido

E os outros outros que passaram por minha vida acadêmica deixando suas
lições, atitudes de amor ao saber e de gratidão ao Deus dos sábios da verdade.
Minha profunda gratidão. Abençoado sempre!!!

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos cordiais à minha família, nas pessoas de mãe, Maria Alves Morais, *in memoriam* e Manuel Lucas Moraes, meu pai, que sempre acreditaram em meus sonhos sem projeções pessoais e com muito diálogo.

Aos professores Padre Amadeu, Padre Flavio, Padre Agostinho Carvalho e Padre Gustavo Covarrubias, pelo exemplo e testemunho, seja na formação intelectual, seja na sacerdotal.

Aos Professores José Alves Fernandes, professor Campos e Elenir Figueiredo por sua dedicação e compromisso com o saber, sobretudo, o saber filosófico.

E os tantos outros que passaram por minha vida acadêmica deixando suas digitais, através do amor ao saber e do esforço na busca desinteressada da verdade. Minha profunda gratidão, *Ab immo pectore!!!!*

Estado e cultura estão em íntima ligação e desenvolvem profundas relações entre si. A cultura de um povo é o reflexo da sua vida social, política, econômica, religiosa, etc. e vice-versa. A cultura é o conjunto de valores, conhecimentos, habilidades, atitudes e comportamentos que caracterizam uma sociedade. Ela é transmitida de geração em geração e é influenciada por fatores internos e externos. A cultura é dinâmica e está em constante transformação. Ela é o resultado da interação entre o indivíduo e o meio social. A cultura é o que dá identidade a um povo e a um país. Ela é o que nos torna únicos e diferentes dos outros. A cultura é o nosso patrimônio mais valioso. Ela é o que nos dá orgulho e amor à pátria. Ela é o que nos dá sentido à vida. Ela é o que nos dá força para enfrentar as dificuldades. Ela é o que nos dá esperança para o futuro. Ela é o que nos dá a capacidade de criar e inovar. Ela é o que nos dá a capacidade de amar e ser amado. Ela é o que nos dá a capacidade de lutar e vencer. Ela é o que nos dá a capacidade de construir um mundo melhor. Ela é o que nos dá a capacidade de sermos cidadãos conscientes e responsáveis. Ela é o que nos dá a capacidade de sermos livres e iguais. Ela é o que nos dá a capacidade de sermos felizes. Ela é o que nos dá a capacidade de sermos humanos. Ela é o que nos dá a capacidade de sermos nós mesmos. Ela é o que nos dá a capacidade de sermos livres e iguais. Ela é o que nos dá a capacidade de sermos felizes. Ela é o que nos dá a capacidade de sermos humanos. Ela é o que nos dá a capacidade de sermos nós mesmos.

Palavras-chave: Estado, cultura, desenvolvimento, sociedade, cidadania.

“Da mesma forma que nós, alemães, dificilmente teríamos um Kant, sem a Idade do Iluminismo, assim também os gregos dificilmente teriam um Sócrates ou uma filosofia socrática sem os sofistas”.

Zeller

RESUMO

Estudar e refletir acerca da importância e contribuições produzidas pelos sofistas na história da filosofia e do pensamento não é tarefa fácil. Ao contrário, consiste num estudo árduo e dispendioso perquirir a aventura dos sofistas, rompendo diversas barreiras: preconceitos, juízos platônico-aristotélicos, exiguidade de material para pesquisa e investigação etc. O objetivo deste trabalho não está em provar a veracidade dos sofistas como filósofos dentro da tradição literária, mas apresentá-los a partir de algumas contribuições dadas por eles à história da filosofia e ao conhecimento como um todo. O filósofo, como amante do saber reflexivo, não deve acomodar-se diante da própria realidade pronta e acabada. Neste sentido, entender o sentido, a guinada gnosiológica ou mesmo antropológica realizada pelos sofistas, mesmo que incipiente, deve chamar a atenção. Diante de um cenário histórico político-econômico adverso e resultados filosóficos paralisados, com respostas infundáveis e vazias, a *physis* cede espaço ao *antropos*, oposição entre *nomos* e *physis*, na organização social (Moutaine, Maquiavel, Hobbes); o homem como ser dotado de *logos*, a *areté* como capacidade humana universal, democrática; uma concepção de educação universal, para todos e tendo o Estado como promotor. O *homo mensura* como critério de decisão e verdade; o ceticismo e relativismo exacerbados de uma das escolas sofísticas que influenciará por toda a tradição filosófica até os tempos modernos, extremados com “a morte de Deus”, em Friedrich Nietzsche. Certamente, não houve uma construção teórica normativa, pois este papel ficou para a tradição platônico-aristotélica, mas a influência sofística é real. E negá-lo seria colocar em xeque, incompreensível e impensável todo o conjunto de pensamento seja platônico ou aristotélico.

Palavras-chave: história da filosofia, sofista, gnosiologia, antropologia.

ABSTRACT

It is not easy work to study and to reflect about the importance and contributions produced by the sophists in the history of philosophy and thinking. Instead, it consists in an arduous and costly study to examine the adventure of the Sophists, breaking several barriers: prejudices, platonic-aristotelian judgments, scarcity of material for research and investigation etc. The purpose of this study is not to prove the veracity of the sophists as philosophers inside of the literary tradition, but it presents them from some contributions made by them to the history of philosophy and to knowledge as a whole. The philosopher, as a lover of reflective knowledge, he should not accommodate in front of the own ready and finished reality. That way, understand the meaning, the gnosiological or anthropological yaw realized by the sophists, even if incipient, it should draw attention. In front of an adverse political and economic historical scenario and paralyzed philosophical results with empty and infinite answers, the *physis* gives space to *anthropos*, opposition between *nomos* and *physis*, in the social organization (Moutaine, Machiavelli, Hobbes); the man as being endowed with logos, a *areté* as a universal human capacity, democratic; a conception of universal education for all and it is having the State as a promoter. The *homo mensura* as a decision criterion and truth; skepticism and relativism exacerbated one of the sophist schools that it will influence throughout the philosophical tradition until the modern times, extreme with "the death of God", in Friedrich Niechetch. Certainly, there was not a theoretical normative construction because this role was to a platonic-aristotelian tradition, but sophist influence is real. And it refuse it would be put in question, incomprehensible and inconceivable the whole set of thinking be platonic or aristotelian.

Keywords: history of philosophy, sophist, gnosiology, anthropology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
2. A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO SOFISTA	11
2.1. Problemática: exígia literária	11
2.2. Os sofistas na filosofia moderna e contemporânea	13
CAPÍTULO II	
3. CONHECENDO OS SOFISTAS PROTÁGORAS E GÓRGIAS	16
3.1. Protágoras e a doutrina do homem medida	16
3.2. Górgias e a retórica da negação do ser	19
CAPÍTULO III	
4. CONTEXTO NO QUAL FLORESCEU O PENSAMENTO SOFISTA	22
4.1. Aspectos históricos	22
4.2. Aspectos filosóficos	24
CAPÍTULO IV	
5. CARACTERIZAÇÃO DOS SOFISTAS	26
5.1. Antilogias	28
CAPÍTULO V	
6. CONTRIBUIÇÃO DOS SOFISTAS	30
6.1. Educação	30
6.2. Antropologia	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	34

1. INTRODUÇÃO

O Presente trabalho acerca dos sofistas tem por objetivo principal apresentar o valor do pensamento sofista para o conhecimento e história humanos, expondo algumas contribuições suas, sobretudo, no campo da educação, da virada antropológica do conhecimento, do próprio pensamento humanista e bem como sua influência e consequente reflexo em autores modernos e contemporâneos. De Maquiavel a Montaigne, até Hegel e Nietzsche nota-se a pertinência dos temas sofistas presentes ainda hoje.

Para atingir este objetivo foi necessário contextualizar os sofistas a partir de dois ângulos fundamentais: um histórico e outro filosófico. O progresso a que tinha chegado o Estado grego, dos séculos IV e V a.C., trouxe consigo consequências como, por exemplo, uma profunda crise dos antigos valores, inclusive, coincidindo com o impasse e também crise do conhecimento de então. Deste modo, os sofistas entram em cena, não definindo uma solução, entretanto, colocando um questionamento gnosiológico que ocasionará a inflexão antropológica.

A filosofia depois do século XVII aos tempos atuais tornará os sofistas presentes e vivos através de suas abordagens sejam gnosiológicas, antropológicas, céticas ou empiristas. Portanto, negá-los, hoje, é inconcebível para um pensamento coerente e atual.

Do início do trabalho até o seu final, está expresso o desejo de não afirmar os sofistas como filósofos, mas tão-somente em apresenta contribuições suas originais e únicas que os tornam presentes ainda hoje.

CAPÍTULO - I

2. A IMPORTÂNCIA DO PENSAMENTO SOFISTA

Hoje, mais do que em qualquer período da história da filosofia e mesmo do pensamento, há uma forte necessidade que não deve ser desconsiderada em situar e descrever com fidelidade os fatos e eventos sem influência e interferência de grandes paradigmas. O desafio do hermenêuta e mesmo do filósofo consiste em ver os eventos em sua originalidade, sem interferência de segundos. A intenção do autor é seu objetivo. E o tema do pensamento sofista por muito tempo, senão até hoje, sempre fora abordado e analisado pelas lentes platônico-aristotélicas. O problema que se coloca diante de todos é: qual a importância do pensamento sofista para a história da filosofia e do pensamento como um todo? Eis uma aventura que fascina quem de fato é amigo da sabedoria ou prima pela verdade.

2.1. Problematização: escassa literatura

O termo "sofista" tem sua origem no idioma grego, a partir da palavra "*sophistēs*", derivada de "*sophia*" e "*sophos*", significando "sabedoria" e "sábio" respectivamente. O termo *Sophistēs* foi originalmente utilizado por Homero, para descrever alguém habilidoso em uma determinada atividade. Com o tempo a palavra passou a designar a sabedoria nos assuntos tipicamente humanos, em oposição aos assuntos da natureza, até chegar a designar um tipo específico de profissional, o sofista.

Aristóteles, em seu livro *Metafísica*, fala do *θαυμάζειν* (1979, p. II, 982s) ou do espanto humano diante da realidade, provocando o surgimento da filosofia. É importante, portanto, atentar para a filosofia não como uma ideologia dogmática, fechada em si mesma; mas como fruto de liberdade genuinamente humana. Só ao homem é dado ser filósofo, pois somente ele é dotado de reflexão e inteligência. Só o homem pensa sobre o seu próprio pensamento.

Partindo deste pressuposto, da filosofia que desce do céu para a terra, deixando de ser um exercício dos deuses, para tornar-se uma expressão propriamente humana, ela se apresenta de diferentes modos ao longo da história humana, pois sendo humana é mutável e antropoplástica. É imprescindível, no entanto, afirmar e ver a filosofia como

uma só, uma única filosofia; sua maneira histórica de apresentar-se e contextualizar-se na vida humana é diferente e plural, embora as escolas filosóficas sejam diferentes, algumas idealistas, racionalistas, empiristas, materialistas etc. Nisto, pode-se dizer que ela em nada perdeu sua essência. A filosofia como sistema deve ser analisada a partir do todo. O conjunto dá forma e sentido às partes.

Dentro deste quadro que apresenta a filosofia como sendo uma filosofia e não filosofias, um movimento de estudiosos e pesquisadores destacou-se por sua importância histórica e gnosiológica: os sofistas. Os sofistas durante séculos foram execrados e olvidados da própria história da filosofia. A visão e compreensão que se tem deste movimento carrega traços reducionistas e tradicionalistas, que perpassam os estreitos cânones platônico-aristotélicos.

De fato, tudo que se sabe a seu respeito é exíguo beirando quase o insignificante, daí as dificuldades de entendê-los e estudá-los apuradamente. (KERFERD, 2003, p. 9). Poucos ou quase nada de fragmentos restam. Platão, em seus diálogos – *Protágoras*, *Hípias*, *Górgias*, *Sofistas*, etc. – ao mesmo tempo em que discorre acerca da doutrina sofista, combate-a de modo causticante e mordaz.

Aristóteles, por exemplo, apresenta a sofística como uma não filosofia ou filosofia aparente. (1979, *Metafísica*, I, 1004b 25ss). Em *Ética a Nicômaco*, considera-a portadora de uma ciência falsa e não real, (1979, X, 1181 a). E os exclui da história da filosofia. O *corpus aristotelicum*, conjunto enciclopédico no qual os mais diversos problemas são elucidados de forma aparentemente definitiva, coloca o pensamento do estagirita como sendo a verdade acabada e, portanto, indestrutível. Ao chegar à Idade Média, Aristóteles era a grande autoridade em assuntos filosóficos e mesmo científicos:

... Sobre tudo na Idade Média, Aristóteles passasse a ser encarado como a grande autoridade em matérias filosóficas e científicas: era o filósofo, que teria construído uma doutrina de âmbito universal e de validade permanente, intemporal. Seus textos mereceriam não propriamente complementações ou correções, mas antes análises e comentários. (COLEÇÃO OS PENSADORES. ARISTÓTELES, 1979, P. 12).

Esta visão se faz presente à contemporaneidade. Autores como Jacques Maritain, em sua *Introdução geral à filosofia*, destaca os sofistas como “aqueles que queriam as vantagens da ciência, sem querer a verdade”. E mais, “Davam explicações falsamente claras para todas as coisas, e pretendiam reformar tudo, até mesmo as regras de

gramática e o gênero dos substantivos”. (MARITAIN, 1985, p. 45-46). Manfredo de Oliveira, em sua obra *“Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea”*, destaca a filosofia de Aristóteles (toda ela) como uma negação ao sistema sofista. (1996, p. 25). Orlando Vilela, *“Iniciação à filosofia”*, com sua visão tomista, apresenta os sofistas como “rábulas e enganadores do saber”. (1968, p. 29).

Portanto, diante do exposto acima, apresentar a escola sofística com seu papel e contribuição na história da filosofia é, sem dúvida, uma missão árdua e difícil, porém se torna uma necessidade cada vez mais atual apresentá-la com seus momentos e sua importância. Ademais, a reviravolta e os novos caminhos dados pela filosofia moderna apontam algumas contribuições dos sofistas, muitas vezes injustamente negadas pelos grandes filósofos e suas escolas como Platão e Aristóteles.

2.2. Os sofistas na filosofia moderna e contemporânea

Há pouco tempo, aventurar-se a favor dos sofistas, seria negar a filosofia verdadeira. Faz-se mister pensar sobre o conteúdo verdadeiro da filosofia! Hilton Japiassu, em seu livro *“Questões epistemológicas”*, comenta que a única verdade em matéria de conhecimento, hoje, é que não existe uma verdade, mas verdades. (1981, p. 29). Embora haja uma filosofia, existem modos diferentes desta mesma filosofia manifestar-se. É necessário, entretanto, observar e perscrutar, sobretudo a partir dos dois últimos séculos, uma releitura ou uma nova crítica acerca dos sofistas. Até mesmo autores antes intocáveis em sua teoria ou pensamento, passam a ser analisados com mais criticidade e cuidado hermenêutico. Mesmo Aristóteles, com seu aspecto sistemático e fixidez na estrutura de sua obra, fora revisto e levado ao cadinho da crítica por modernos historiadores da filosofia:

Todavia, aquele aspecto sistemático e a aparente fixidez foram reapreciados por modernos historiadores da filosofia que – sobretudo a partir de Werner Jaeger (1888-1961) – passaram a ressaltar a evolução interna revelada pelas ideias de Aristóteles, mesmo em obras de finalidade fundamentalmente didática (as acromáticas, que constituem, aliás, a quase totalidade das obras que foram preservadas). (COLEÇÃO OS PENSADORES, 1979, p. 12).

Maquiavel, em seus escritos, sobretudo em *“O príncipe”*, lança as bases da teoria política moderna inspirada na “virtú” dos antigos sofistas. (REALE E ANTISERI, 1992,

p. 130). Daí, por que foram eles originais em pensar um Estado, cuja origem não é divina, mas convencional. Filósofos contemporâneos como Hegel, Zeller, Nietzsche etc., teorizam os sofistas a partir de uma crítica nova e positiva. Aliás, para Hegel, assim como não pode existir Iluminismo sem Kant, da mesma forma, não há filosofia greco-clássica sem os sofistas. (GUTHRIE, p. 1995). Eles foram os grandes humanistas do período clássico. Estudiosos como Giovanni Reale e Dário Antiseri, em sua obra de três volumes, *História da filosofia*, volume I, destacam que “somente em nosso século é que foi possível uma revisão sistemática desses juízos e, conseqüentemente, radical reavaliação histórica dos sofistas”. (1992, p. 76). Werner Jaeger, em *Paidéia*, de modo conciso, destaca: “...A sofística é um fenômeno tão necessário quanto Sócrates e Platão; aliás, sem ela, estes são absolutamente impensáveis”. (1995, p. 237). Hegel, em *Lições sobre a história da filosofia*, fala “os mestres da Grécia, pelos quais a cultura propriamente dita passou a existir... seu fim prático era o mais universal: prepararam a vocação universal da vida grega, à vida política, a ser homem de Estado”. (KERFERD, 2003, p. 17).

Diante do exposto, é inegável a importância e a repercussão dos Sofistas não apenas para a filosofia, mas para os diversos aspectos sociais envolvidos no domínio sofístico.

Não há outro movimento que se possa comparar com a Sofística quanto à duração das suas conseqüências. Não que, de um golpe, tenha modificado a vida cultural grega; antes, já vimos que os círculos afetados por ela ao princípio eram de certa maneira restritos. Mas o mundo de ideias que ela fez desintegrar nunca mais voltou a formar uma verdadeira unidade, e as perguntas que formulava, as dúvidas que suscitava, não puderam ser silenciadas [...]. (LESKY, 1995, p.317).

Não obstante, ao longo da história ocidental, o termo 'sofista' ganhou um sentido pejorativo. E tal conotação pejorativa começou a ganhar notoriedade ainda na Antiguidade. Desta forma, se antes sábio e sofista foram termos sinônimos, já no século V a.C. a palavra 'sofista' passou a designar aquele que convence por meio de sofismas.

Verdadeiramente, os sofistas foram autênticos e originais, como intelectuais e senhores do saber de sua época e história. Os séculos V e IV a.C., deusas, foram definitivamente influenciados por eles (ou apuradamente interpretados). O homem deixa a marginalidade ideática e se coloca no centro dos problemas dos discursos e litígios. Sem réstia de dúvidas, a fragmentação e pluralidade temática advinham de um homem que, em meio ao cosmos ou caos, ainda não havia encontrado seu verdadeiro *Habitat*

Natural: o mental. Em outras palavras, o habitat humano é encontrado, quando ele, o homem, depara-se consigo mesmo. E os sofistas de modo incipiente e às vezes ingênuo (e arrogante), mas conscientes, serviram de mediação deste “êxodo reflexivo” em direção às terras férteis e horizontes grandiosos – Sócrates, Platão e Aristóteles.

O povo grego, com suas necessidades imediatas e vivendo em meio a circunstâncias político-econômicas até então inusitadas em sua história, passava por angústia, crises dos valores e normas tidos até então como divinas e intocáveis. (REALE E ANTISERI, 1992, vol. I, p. 74). Gusdorf, em seu livro *Mito e Metafísica*, diz: “O ato de nascimento da humanidade corresponde a uma ruptura com o horizonte imediato”. (1979, p. 37). Por isso, as mudanças, os problemas e crises vividos pelo povo helênico e assumidos e expressados pelos sofistas são como que vagidos de um novo homem que começa a nascer. A velha harmonia fora quebrada. O impasse provocado pelos filósofos anteriores à procura por uma “arché” que explicasse a origem do cosmos, tornara-se um circunlóquio quase intransponível, senão escandaloso.

A resposta cética, porém não arbitrária, dos sofistas, de caráter gnosiológico e crítico, estremeceu as bases deste momento letárgico: *Será o homem capaz de conhecer?*

CAPÍTULO - II

3. CONHECENDO OS SOFISTAS PROTÁGORAS E GÓRGIAS

Protágoras e Górgias foram importantes sofistas. Suas obras são conhecidas por fragmentos, entretanto através de filósofos como Platão e outros antigos, seus pensamentos e ideias foram conservados, como, por exemplo, a defesa da subjetividade por parte de Protágoras ou a importância que Górgias concedia à palavra e a arte da retórica, chegando a tocar o próprio Sócrates.

3.1 Protágoras e a teoria do homem medida

Os sofistas embora tivessem traços comuns entre si como a retórica, a eloquência, o convencionalismo e relativismo, não possuíam uma consonância teórica. Os sofistas da primeira geração, por exemplo, diferentemente das gerações ulteriores, focalizavam os problemas na área da educação, do Estado e uma moral não arbitrária; os da segunda geração, de certo modo olvidaram a moral cultivada anteriormente; e os da terceira geração, os político-sofistas, chegaram a elaborar uma teoria não moral.

Infelizmente, as informações acerca de sua vida e obras são escassas. Sócrates não considera os sofistas do mesmo modo e com a mesma importância. Por exemplo, respeita Hípias, seu estilo, mas não dá relevo ao seu pensamento. Em se tratando de Protágoras, havia toda uma atenção, sobretudo às suas teorias do Relativismo e Agnosticismo. Para ele, Sócrates, o conhecimento está no campo do divino; para Protágoras, ao contrário, nos limites estreitos do humano. (DUHOT, 2004, p. 138). E quase tudo que se conhece a seu respeito vem da tradição platônico-aristotélica. Sabe-se que ele nasceu em 481, em Abdera e morreu no final deste mesmo século. Fez inúmeras viagens, inclusive para Atenas, tornando-se amigo de confiança de Péricles, recebendo a incumbência deste de algumas missões.

Conforme o próprio Platão, o autor do “*homo mensura*” foi o primeiro a utilizar o nome sofista. Através de suas aulas, tornou-se rico e opulento. Há um famoso fragmento de Protágoras que Platão cita em Teeteto, e que fala assim: “O homem é a medida de todas as coisas, das que são, enquanto são e das que não são enquanto não são”. Protágoras foi o primeiro a cobrar por suas aulas. Diógenes Laércio apresentou a seguinte lista de livros de Protágoras: *arte da erística, sobre a luta corpo a corpo, sobre*

a ciência, sobre governo, sobre a ambição, sobre a virtude, sobre o estado original das coisas, sobre os que estão em Hades, sobre as ações humanas incorretas, imperativo, julgamento a propósito de um pagamento e antilogias, em dois volumes. *Sobre os deuses e verdades*, obras incompletas. (KERFERD, 2003, p. 78). Entretanto, sua principal obra “*Antilogias*”, que será aprofundada no capítulo IV, expressa todo o sentido de sua teoria (restam, hoje, apenas fragmentos desta obra). Segundo Protágoras, tudo que existe tem uma razão e uma contra-razão. O orador, por sua vez, deve ser apto a argumentar e contra-argumentar acerca do mesmo tema. Sem dúvida, este foi o *nó górdio* de Protágoras.

Protágoras, no final de sua vida, é desterrado de Atenas e teria morrido em naufrágio. E por ironia do destino, a *ágora*, altar sagrado para Protágoras, na qual se tornou sacerdote de toda uma doutrina, testemunha sua obra em chamas.

Protágoras ensinava “a tomar mais forte o mais fraco argumento”. O que não quer dizer que Protágoras ensinasse a injustiça e a iniquidade contra a justiça e a retidão, mas, simplesmente, que ele ensinava os modos como, técnica e metodologicamente, era possível sustentar e levar à vitória o argumento que, em determinadas circunstâncias, podia ser o mais fraco na discussão (qualquer que fosse o conteúdo do objeto). A “virtú” que Protágoras ensinava era exatamente essa “habilidade” de saber fazer prevalecer qualquer ponto de vista sobre a opinião oposta. E o sucesso dos seus ensinamentos deriva do fato de que, fortalecidos com essa habilidade, os jovens consideravam que poderiam fazer carreira nas assembleias públicas, nos tribunais, na vida pública em geral.

Para ele, portanto, tudo é relativo: não existe uma verdade absoluta e também não existem valores morais absolutos - “bens” absolutos. Existe, entretanto, algo que é mais útil, mais conveniente e, por isso, mais oportuno. O sábio é aquele que conhece esse relativo mais útil, mais conveniente e mais oportuno, sabendo convencer também os outros a reconhecê-lo e pô-lo em prática.

Sendo assim, porém, o relativismo de Protágoras recebe uma forte limitação. Com efeito, pareceria que, enquanto é medida e mensurador em relação à verdade e à falsidade, o homem toma-se medido em relação à utilidade, ou seja, que, de alguma forma, a utilidade venha a se apresentar como objetiva. Em suma: pareceria que, para

Protágoras, o bem e o mal seriam, respectivamente, o útil e o danoso; e o “melhor” e o “pior” seriam o “mais útil” e o “mais danoso”.

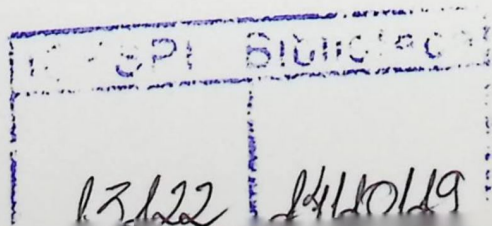
O “homem medida” é a bandeira de toda uma tendência de pensamento, cujos efeitos e consequências estão presentes em muitas correntes e doutrinas atuantes na história do conhecimento humano. Esta teoria está em consonância com a corrente sofística cujos melhores questionamentos brotam desta humanização do saber da verdade. Adentra-se, desta forma, em um processo dialético, isto é, em um processo em que a reflexão, a linguagem crítica, os ideais que transcendem o simples egoísmo vão enriquecendo o ser como indivíduo e, ao mesmo tempo o próprio modo de conviver.

O relativismo, fruto deste pensamento, traz em si um caráter utilitarista. O homem interpreta a realidade ao seu redor não como boa ou má, ou virtuosa ou viciosa, porém como mais útil ou menos útil.

Este modo de pensar, para Protágoras, abraça toda a vida humana, inclusive a religião. Ele mesmo diz em *Sobre os deuses*, no único fragmento que resta:

Quanto aos deuses não ousou dizer nem que existem, nem que não existem; nem que pareçam conosco, porque muitos são as causas que impedem de se chegar a um conhecimento certo, entre os quais estão a obscuridade do problema e a brevidade da vida humana. (1978 apud MONDIN, 1982, p. 42).

Alguns chegam a afirmar que ele fora exilado de Atenas acusado de impiedade; outros, que ele acreditava nos deuses e que o motivo do exílio era puramente político. O certo é que os deuses existem para quem neles acredita, e não, para quem não acredita, eis a posição relativista de Protágoras. Por isso, a base de sua construção teórica está firmada e afirmada sobre a recusa do transcendente. (DUHOT, 2004, p. 139). A grande revolução do pensamento instaurada pelos sofistas que consistia em desvincular o homem como um ser dependente da *physis* universal, certamente tem Protágoras como um dos principais autores. (COLEÇÃO OS PENSADORES. SÓCRATES, 1999, p. 29).



3.2. Górgias e a retórica da negação do ser

Górgias nasceu em Leontinos (Sicília) por volta do ano de 485 a.C. Em 427 foi enviado a Atenas para pedir apoio na guerra contra Siracusa. Tanto em Atenas como em outras cidades gregas teve grande influência por seu saber e suas qualidades como orador. O Próprio Platão em Fedro (261c) que podia compará-lo a Nestor, o famoso orador citado nas Ilíadas de Homero (1,247). Conheceu um outro filósofo de nome Empédocles e seus ensinamentos alcançaram um eco extraordinário. Influenciou Sócrates em sua arte da oratória, imitando em seu estilo.

Górgias não somente nega a verdade objetiva, mas estende esta mesma negação às verdades morais diferentes para cada povo em cada época e inclusive variam ao longo da vida do indivíduo. Por isso, ele destacará a importância da palavra e da arte da retórica, ensinando a usá-las. A palavra é a única forma de realidade, por é ela mesma que se inventa, modifica e comunica. O ser é o que os homens falam e a verdade é a capacidade de persuadir com a magia e o encanto da linguagem, ainda que não tenha nenhuma relação com as coisas.

No livro intitulado *Sobre o não-ser* ou *Sobre a natureza* desenvolve três argumentos sucessivos. O primeiro é que nada existe; o segundo, que ainda que exista algo é incompreensível para o homem; e o terceiro, que ainda quando for cognoscível, não se pode ser comunicado, nem explicado a outro. Górgias foi responsável por inovações retóricas envolvendo a estrutura e a ornamentação, além da introdução da *paradoxologia* - a ideia do pensamento paradoxal, e da expressão paradoxal - o que fez com que fosse apelidado de "o pai da sofística". Górgias também é conhecido por contribuir com a difusão do dialeto ático como língua da prosa literária.

As obras de retórica de Górgias ainda em existência (*Encômio de Helena*, *Defesa de Palamedes*, *Sobre a Não-Existência* e *Epitáfio*) foram preservados através de uma obra chamada *Technai*, um manual de instrução retórica, que consistia em modelos a serem memorizados, e demonstrava diversos princípios da prática retórica. Embora alguns estudiosos tenham alegado que cada uma dessas obras apresenta afirmações contrastantes, os quatro textos podem ser lidos como contribuições inter-relacionadas à arte (*technê*) e à teoria (então promissora) da retórica.

Das obras ainda existentes de Górgias, apenas o *Encômio* e a *Defesa* encontram-se em sua forma integral. Diversas de suas obras políticas, retóricas e discursos foram referenciadas e citadas por Aristóteles, incluindo um discurso sobre a unidade helênica, uma oração fúnebre pelos atenienses mortos na guerra, e uma citação curta de um *Encômio sobre os Eleenses*. Além destes discursos, existem também paráfrases de seu tratado "Sobre a Natureza ou o Não-Existente". Estas obras fazem parte da coleção Diels-Kranz e, embora os acadêmicos considerem esta fonte confiável, muitas delas estão em estado fragmentário, ou mesmo corrompido. Diversas questões foram levantadas a respeito da autenticidade e da exatidão dos textos que lhe são atribuídos. Seus escritos são tanto retóricos quanto performáticos; o autor faz grande esforço para exibir sua habilidade de fortalecer uma posição argumentativa absurda. Consequentemente, cada uma de suas obras defende pontos de vista que eram impopulares, paradoxais e até mesmo absurdos. Ao contrário de outros sofistas (especialmente Protágoras), Górgias não professava ensinar *arete* "excelência", ou "virtú". Acreditava não haver uma forma absoluta de *arete*, mas que o conceito era relativo a cada situação (por exemplo, a virtude num escravo não equivale à virtude num estadista). Sua crença era a de que a retórica, a arte da persuasão, é a rainha de todas as ciências, na medida em que é capaz de persuadir qualquer curso de ação. Embora a retórica existia no currículo de cada um dos sofistas, Górgias colocou-a mais em proeminência que qualquer um deles.

Portanto, muito do que já se debateu sobre a natureza e o valor da retórica se iniciou em Górgias. O diálogo de Platão chamado *Górgias* apresenta um contra-argumento à aceitação incondicional da retórica por Górgias, sua forma elegante, e sua natureza performática. O diálogo tenta mostrar que a retórica não satisfaz as condições necessárias para que seja considerada uma *technê*, sendo apenas uma habilidade um tanto perigosa de se ter, tanto para o próprio orador como para seu público, pois dá a um ignorante o poder de parecer ter mais conhecimento do que alguém que efetivamente o tem.

Górgias teria vivido mais de cem anos. Conquistou uma riqueza considerável, suficiente para que ele encomendasse uma estátua de ouro de si mesmo para um templo público. Morreu em Lárissa, na Tessália, em 376 a.C.

CAPÍTULO – III

4. CONTEXTO NO QUAL FLORESCEU O PENSAMENTO SOFISTA

Dois aspectos são destacados do contexto no qual surgem e vivem os sofistas. Primeiro o aspecto histórico. *Primum vivere, deinde philosophare* (primeiro viver, depois filosofar). O filosofar é fruto de toda uma situação histórica e social que proporciona ao homem as condições e necessidades para tais fins; em seguida, os aspectos filosóficos, que no caso dos sofistas, nascem a partir do progresso econômico e político da Grécia antiga e da crise dos valores e do pensamento de então.

4.1. Aspectos históricos:

O Ocidente repousa sobre três pilares fundamentais: Roma deu o Direito, a lei, a ordem, o Estado; Jerusalém, a fé, o monoteísmo; e de Atenas surgem a arte, a beleza, a razão, a ciência, o ideal político, a literatura. No século V a.C., sob o governo de Péricles, Atenas tornou-se a cidade mais importante da Grécia. A civilização grega atingiu o seu maior brilho. Vale salientar a influência que Péricles recebeu dos sofistas. Seu conselheiro era sofista, Damon. (KERFERD, 2003, p.36). Várias vezes, Protágoras fora visto com Péricles; aliás, o próprio Péricles o encarregou de elaborar a constituição de Turói. Esse século é considerado pelos historiadores a Idade de Ouro da civilização grega ou “século de Péricles”.

Nesta época, as cidades gregas se uniram para enfrentar um perigo externo: o avanço dos persas. Primeiro foi Dário que as atacou. Ele foi derrotado pelos atenienses em 490 a.C., na batalha de Maratona. Essa foi a primeira guerra médica. Depois veio seu sucessor, Xerxes, que também foi derrotado, agora pela esquadra grega, sob o comando do ateniense Temístocles, na célebre batalha de Salamina, em 480 a.C., foi a segunda guerra médica.

Em 488 a.C., por incentivo de Aristide, todas as cidades gregas formaram uma liga de estados, sob a proteção de Atenas, denominada “Confederação de Delos”, na cidade de Delos. As cidades que participavam desta liga deviam contribuir, anualmente, com dinheiro, homens e barcos. E deste modo, os persas foram derrotados pelo ateniense Címon, filho de Milcíades, na Ásia Menor. Os persas, então, reconheceram o domínio grego sobre o mar Egeu. As consequências das guerras médicas foram: hegemonia de

Atenas sobre as demais cidades gregas, revigoração da democracia, decadência do império persa, formação da confederação de Delos e rivalidade entre Atenas e Esparta, que mais tarde terminaria na famosa guerra de Peloponeso, cujo vencedor seria a Esparta belicosa.

Por outro lado, convém mencionar, que Péricles aproveitando-se da Confederação de Delos transforma Atenas num poderoso centro. No grande porto de Pireu reuniram-se navios de todos os portos do mediterrâneo, trazendo trigo da Rússia, do Egito e da Sicília; madeira da Trácia e pescado seco do mar negro. Péricles sonhava em fazer de Atenas a mais bela capital do mundo.

Partindo deste contexto, para os sofistas a virtude é algo que se pode ensinar. Em Hesíodo (século VIII a.C.), surge a noção de que a virtude é filha do esforço e a de que o trabalho é a salvaguarda da justiça. (COLEÇÃO OS PENSADORES. PRÉ SOCRÁTICOS, 1999, p. 20). Mais tarde, o próprio Aristóteles amadurecerá esta posição em sua *Ética a Nicômaco*. (COLEÇÃO OS PENSADORES. ARISTÓTELES, 1979, II, 1 30). Para Platão, ao contrário, a virtude é inata, faz parte da natureza humana. A posição assumida anteriormente por Homero (Século IX a.C.) fá-lo aproximar mais de Platão. Para Homero, virtude não significava propriamente uma noção moral, mas uma excelência humana. (IDEM, OS PRÉ SOCRÁSTICOS, 1978, p. 10) A partir dos sofistas, com exceção de Platão, a virtude do sangue será substituída pela do espírito. A educação é algo universal e está ao alcance de todos. A famosa “physis” aos poucos perde a sua moira determinística, dando lugar à técnica e, assim, o homem toma consciência de que ele pode modificar o próprio meio no qual vive. Mesmo Péricles aceitava e comungava deste pensamento. Entretanto, o pensamento anterior partilhava a concepção de que a “physis” tudo envolvia e determinava, inclusive os deuses. Foi nessa época, em Atenas, que se consolidou a ideia de que todos os homens adultos nascidos livres podiam opinar sobre a administração do Estado. Péricles dizia:

Em Atenas, todos entendem de política e se preocupam com ela; e aquele que se mantém afastado dos negócios públicos é considerado um ser inútil. Reunidos em assembleia, os cidadãos sabem julgar corretamente quais são as melhores soluções, porque não acreditam que a palavra prejudique a ação e, pelo contrário, desejam que a luz surja da educação e da discussão. (BECKER, 1980, p. 127).

Os sofistas eram mais ousados. Protágoras e muitos outros sofistas discutiam o homem como ser livre por natureza e que não existe homem escravo ou inferior a outro. (KERFERD, 2003, p. 200).

Portanto, o momento histórico do século V. a.C., tem como concepção o Estado livre e democrático. Seus líderes surgem em meio aos discursos, nas *ágoras*. E dentro deste ambiente aparecem os sofistas como professores e técnicos emergentes. Embora eles fossem estrangeiros e em muitos casos condenados e repudiados pelos atenienses, Atenas tornou-se o palco e centro de sua retórica. (IDEM, p. 31).

Portanto, não se pode olvidar que a sofística triunfa no clima democrático da guerra de Peloponeso, constituído numa época de crise e de profundo individualismo.

4.2. Aspectos filosóficos:

O impasse a que haviam chegado os filósofos que precederam os sofistas manifestou-se numa profunda crise do conhecimento. Os grandes sistemas perquiridores como que repousavam pela falta de fundamentos filosóficos que, de fato, contornassem o problema.

A grande questão era saber qual o princípio gerador ou do qual tudo era constituído. Aristóteles em sua *Metafísica* tem como causa o "*Thaumazein*". (1968, II, 982s). Por outro lado, a questão dos pré-socráticos estava anteposta ao estágio de que partira, sobretudo, Aristóteles como o maior sistematizador do período clássico.

O enigma da Esfinge que narra as aventuras de Édipo Rei que ao decifrar o grande enigma lançado por esta ("quem é que de manhã anda com quatro pés, ao meio-dia com dois e à noite com três pés?"), como sendo o homem em suas diferentes fases do ciclo vital, personifica o grande problema da época: o movimento, as mudanças constantes nas quais todas as coisas estavam envolvidas. Mas também significava o homem superando e submetendo ao seu domínio a natureza.

Com o famoso Tales de Mileto a aventura filosófica ou a aventura do homem começa. (VILELA, 1998, p. 20). Diante de uma *physis* que tudo envolvia e submetia, até mesmo o divino, qual a origem, o "arché" gerador e do qual tudo surgia? Evidentemente, as observações e especulações dos primeiros filósofos giravam em torno da natureza, daí por que o estagirita os chamava de físicos ou hilozoístas. (IDEM, 1998, p. 21). Tales diz ser a água. O elemento primeiro era este. Um pouco mais adiante, aparecem Anaximandro e Anaxímenes. Este falava do ar; aquele, ao contrário,

colocava em evidência a causa do universo como sendo o “*ápeiron*”. Segundo Anaximandro, colocar a água ou qualquer outro elemento físico como *arché* não é correto, pois também estes têm suas causas. O “*ápeiron*”, segundo Anaximandro, é este princípio primeiro que não tem uma causa geradora, mas que do qual toda a realidade e o universo são gerados. Com Pitágoras há um avanço metafísico do pensamento e, ao mesmo tempo, um deslocamento de Mileto para Crotona, Itália Meridional. Para os pitagóricos, a substância última de que são feitas todas as coisas é o número. (MONDIM, 1981, Vol. I, p. 23). Com Parmênides surge a filosofia do *ser* e a formulação pela primeira vez dos princípios de *identidade e não-contradição*. O próprio Platão o chamava de “o grande Parmênides”. (VILELA, 1998, p. 23). Por outro lado, Heráclito nega o *ser* e anuncia um princípio, cujas características preponderantes são a oposição e a mudança. Segundo Heráclito, o devir (representado pelo fogo) é a causa do universo. O racionalismo heraclitiano da “ordem do universo” suplanta pela primeira vez a ideia do mítico-divino. (CORDON & MARTINEZ, 1995, Vol. I, p. 33). Com o aparecimento dos atomistas como Empédocles, Leucipo e Demócrito a certeza da verdade do conhecimento é posta em xeque. O próprio Demócrito diz “a verdade está no profundo”. (IDEM, p. 31). Protágoras era contemporâneo dos atomistas (Demócrito), conhecia bem seu ceticismo e relativismo, sendo, certamente, influenciado em sua posição com relação ao convencionalismo e ceticismo, posteriormente expresso no “homem-medida”.

Haja vista, portanto, o quadro apresentado do longo caminho percorrido pelos filósofos, a crise a que haviam chegado era natural. As várias e desencontradas respostas para o mesmo problema da origem, do *arché*, mais e mais tolhia o pensamento de então.

Portanto, é importante destacar que o campo no qual os sofistas irão cultivar seu conhecimento e cultura, já estava preparado, sobretudo com o estado de ânimo presente: o descrédito e o relativismo para com a verdade do conhecimento.

CAPÍTULO – IV

5. CARACTERIZAÇÃO DOS SOFISTAS

A palavra sofista vem do grego “σοφίστες” e significava, no início, sábio, perito e professor ambulante. Só depois, com a crítica de Sócrates e Platão, passou a ter o sentido pejorativo presente até hoje. Por outro lado, é fundamental destacar, para uma compreensão séria e responsável deste movimento, a diferença existente dentro do próprio grupo. Não havia uma uniformidade de linha de pensamento. Na verdade, houve três grupos ou fases principais: a primeira fase, cujo maior representante era Protágoras, era bastante respeitado, inclusive por Sócrates; a “erística”, que chegou à exasperação, perdendo todo o conteúdo moral; e os político-sofistas que usavam suas habilidades persuasivas aspirando a cargos políticos, chegando à formulação de uma “teorização do imoralismo”.(REALE & ANTISERI, 2002, Vol. I, p.76).

Mas a origem dos sofistas advém das necessidades histórico-político-sociais, nas quais o Estado grego estava vivendo, entre os séculos V e IV a.C. Com a Confederação de Delos, Atenas tornou-se um poderoso centro econômico, político, cultural, urbano etc., usufruindo os benefícios deste mesmo pacto em favor próprio.

Werner Jaeger (*Paideia*) diz que o nascimento dos sofistas era uma necessidade intrínseca do novo Estado grego que diante das exigências inusitadas, sejam no campo político, com o surgimento da chamada democracia, ou numa nova pedagogia educativa a “arete”, (1995, p. 235) que atendesse à demanda presente (a arte do discurso e da retórica para a ascensão social e política), de modo especial os jovens com seus sonhos de se tornarem políticos famosos como Péricles e Alcebiades. (GUTHRIE, 1995, p. 39). Os sofistas eram considerados uma “escada” através da qual se chegaria ao poder.

Com o desenvolvimento social e comercial (o porto de Pireu) e as grandes levas de povos que acorriam para Atenas, as antigas leis, costumes, valores e regras tidos como divinos e, por isso, intocáveis, foram caducando e colocados em xeque. O estudioso G. B. Kerferd chega a dizer que a sociedade na qual surgiram os sofistas estava literalmente em decomposição. (2003, p. 10).

Com os sofistas os debates entre *physis* e *nomos* ganham relevância e espaço. Os próprios sofistas sustentavam entre si ideias diferentes e contraditórias a este respeito. Um exemplo está no fato de Protágoras defender o *nomos* como conjunto de leis convencionais e de valores utilitários de um determinado povo; outro sofista,

Trasímaco, discutirá a *physis* como lei natural, verdadeira e única. Portanto, justa e equânime. Para este, a justiça, *Nomos* é um meio de alienação e dominação por parte dos governantes; já o segundo, no entanto, a natureza por si mesma é amorfa e inconsciente, daí a necessidade da lei positiva ou convencional.

Os temas discutidos pelos sofistas foram vastos e abundantes: retórica, o problema da natureza e da convenção, ciências físicas, recusa da religião, visão humanista, problemas da linguagem, moral, política etc.

Segundo eles, a filosofia é útil, mas tal utilidade consiste no fornecimento de instrumentos dialéticos para a vitória nas assembleias. Escandalizaram ao venderem seus ensinamentos. Mas, sua atitude era completamente coerente com sua concepção de filosofia: ensinavam uma arte útil e frutífera. Por conseguinte, foram os primeiros a cobrar dinheiro para ensinar, o que consequentemente causou a repulsa de muitos. E o grande problema era que ao vender suas aulas perdiam o direito de escolher seus alunos, e por outro lado, atraíam o ciúme de velhos políticos e conservadores.

Certamente, Atenas dos séculos V e IV a.C., representou um solo fértil para Protágoras e os demais sofistas. A liberdade política, com a democracia, transformou suas *ágoras* ou os areópagos em centros de profundas discussões envolvendo temas políticos, bélicos, filosóficos etc. A virtude do político grego tem nos sofistas o seu artífice. A capacidade de persuasão era condição "*sine qua non*" para o bom êxito do futuro líder político.

Vale destacar, também, o outro lado de Atenas, impiedosa. Na época de Protágoras, havia aproximadamente 26 sofistas. Vários foram execrados ou desterrados, e dentre os quais, podem-se destacar o próprio Protágoras e outros. (IDEM, p. 77). Mesmo Sócrates, nesta mesma época, é injustamente condenado à morte, bebendo sicuta. (MONDIN, 1981, p. 45). Aristóteles, com a morte de Alexandre, às pressas, foge de Atenas para Eubéia, com medo de repetir-se o mesmo fato ocorrido com o velho Sócrates, pois ele na condição de estrangeiro, não era bem-vindo ao ambiente xenófobo grego. E uma das causas da impiedade ateniense para com os sofistas está no fato de que eles não eram cidadãos gregos de nascimento.

Outro aspecto que diretamente provocou o surgimento do movimento sofista foi a liberdade de espírito que tinham diante do pensamento de então. Embora eles não tivessem dado uma solução com respostas concretas para os problemas do cosmos e da unidade primeira geradora, questionaram, mesmo sem método, a capacidade humana de conhecer. Aqui está o gênio sofista: o problema do conhecimento passa da "*physis*" para

o “antropos”. Aos poucos se percebe a extensão infinita do microcosmo. O professor Henrique Lima Vaz, em sua obra *Antropologia Filosófica I*, fala dos sofistas como a inflexão antropológica, surgindo a concepção do homem como animal racional, base e chave de toda a filosofia. (1991, p. 320).

Grandes mestres do *logos*, os sofistas pretendiam dar uma formação global e fazer homens bem-sucedidos. Para Sócrates, ao contrário, não se ensina a virtude: “A virtude nem é um dom da natureza física nem o efeito de um ensinamento; mas para os que a possuem vem por uma graça divina, sem intervenção da inteligência humana (nous)”. (MENON, 99 e 100 a).

5.1. As antilogias

A proposta basilar do pensamento de Protágoras era o axioma “o homem é a medida de todas as coisas, daquelas que são por aquilo que são e daquelas que não são por aquilo que não são” (*princípio do homo mensura*). Por “medida”, Protágoras entendia a “norma de juízo”, enquanto por “todas as coisas” entendia todos os fatos e todas as experiências em geral. Tomando-se muito célebre, o axioma foi considerado — e efetivamente é — quase a magna carta do relativismo ocidental. Com efeito, com esse princípio, Protágoras pretendia negar a existência de um critério absoluto que discrimine ser e não-ser, verdadeiro e falso. O único critério é somente o homem, o homem individual: “Tal como cada coisa aparece para mim, tal ela é para mim; tal como aparece para ti, tal é para ti.” Este vento que está soprando, por exemplo, é frio ou quente? Segundo o critério de Protágoras, a resposta é a seguinte: “Para quem está com frio, é frio; para quem não está, não é.” Então, sendo assim, ninguém está no erro, mas todos estão com a verdade (a sua verdade). O relativismo expresso no princípio do *homem-medida* iria encontrar um aprofundamento adequado na obra mencionada, As Antilogias, que demonstra que “em torno de cada coisa há dois raciocínios que se contrapõem”, isto é, que em torno de cada coisa é possível dizer e contradizer, ou seja, que é possível apresentar razões que se anulam reciprocamente. E esse, precisamente, iria ser o ponto fulcral do ensinamento de Protágoras: Trata-se de ensinar a criticar e discutir, a organizar um torneio de razões contra razões.

As antilogias, ou razões contrapostas, constituem também umas das teorias características dos sofistas. Platão e Aristóteles comentaram, em passagens diferentes de suas obras (Fedro, 90b, Sofista, 232, Metafísica, IV, 41007b18), os discursos contrapostos. Não há textos originais que versem sobre antilogias, somente se pode compreender esta doutrina sofista na perspectiva de Platão e Aristóteles, que apresentam-nas a fim de refutá-las.

As antilogias, mais que negar uma possível essência imutável, como haviam de ser as ideias de Platão, eram mais bem uma modulação do *homem medida*. O fato de que, por exemplo, em muitos conceitos morais se pudesse afirmar que o que é bom para os trácios não é bom para os gregos levava a pensar em uma certa incerteza de bondade, justiça ou mesmo verdade.

Elas, as antilogias, expressam-se com bastante clareza nas famosas *razões dúbias*, um escrito anônimo transcrito nas obras de Sexto Empírico.

Razões dúbias sobre o bem e o mal já eram defendidas pelos filósofos gregos. Para uns o bem é uma realidade distinta do mal. Para outros, ao contrário, a mesma coisa pode ser boa ou ruim.

O fato é que as antilogias estão no dna desta mudança de mentalidade que perpassaria toda a história da filosofia, como um corte certo de uma espada. A liberdade do espírito humano levaria os sofistas a negarem realidades humanas tidas como dogmáticas. Restará tão-somente uma subjetividade com limites puramente humanos, sem transcendências e muitas vezes amoral. Eis aqui as sementes do ceticismo, relativismo e mesmo na versão mais radical e contraditória, o niilismo.

CAPÍTULO – V

6. CONTRIBUIÇÃO DE PENSAMENTO SOFISTA

6.1. Educação

Os sofistas, como professores itinerantes, foram os precursores de um novo estilo de educação voltada para o Estado, cujo papel na formação do homem grego era condição imprescindível. O próprio Protágoras fala que o Estado é a instância pedagógica suprema. A maior parte da vida do homem não transcorre no seio da família, nem no interior da escola, mas na cidade, na *polis*. Por isso, todos os seus ensinamentos estarão voltados para a “areté” ou virtude política.

Aristóteles, em *Refutações sofísticas*, critica severamente o estilo de educação dos sofista por vários aspectos: cobram valor pecuniário pelas aulas, o propósito puramente utilitário, o relativismo etc.

A educação dos que cobram pelos discursos erísticos era semelhante ao método de Górgias. Pois uns davam para aprender de memória trechos de oratória, outros davam questionamentos, temas ambos em que uns e outros imaginavam que recaiam as argumentações recíprocas. Por essa razão, o ensinamento era rápido, mas sem fundamento. Já que pensavam educar oferecendo não a técnica ou o método, porém os resultados esta técnica, de modo semelhante como se um prometera transmitir conhecimentos sobre como evitar a dor dos pés e não ensinava nem a técnica de fazer sapatos, nem onde obter tais conhecimentos, mas que se limita somente a apresentar tipos de calçados. (1987, p. 183b36-184a75).

A formação do cidadão ou “dzôon politikón” exige a educação da eloquência, do discurso e do logos. O aluno deverá ser apto a argumentar ou contra-argumentar acerca de uma única realidade. (REALE & ANTISERI, 2002, p. 77). Puramente formal, a arte de educar (ou falar) pode utilizar qualquer tema ou conteúdo, permitindo provar o pró e o contra, a tese e a antítese. Foi precisamente este formalismo, essa indiferença pelo conteúdo, talvez o maior pecado atribuído aos sofistas.

Werner Jaeger expressando a importância dos sofistas na história da educação, observa que a divisão do currículo escolar na Idade Média, em *Trivium* e *Quadrivium*, corresponde à dicotomia entre “matemata” elemento real da educação e elemento formal que incluía a gramática, a retórica e a dialética. (1995, p. 255).

É importante destacar, senão fundamental para a nova pedagogia, a concepção dos sofistas de que a virtude é algo que se pode ensinar, e não um bem hereditário ou de linhagem familiar.

A obra educadora dos sofistas realiza-se por meio do ensino (*mathesis*), da doutrinação (*didaskalia*) e do exercício (*askesis*), que faz do que foi ensinado uma segunda natureza. É um esboço do ponto de vista da “*Paidéia*” aristocrática e do racionalismo, operado através do abandono da ética aristocrática do sangue. (JAEGER, 1995, p. 225).

Protágoras diz que o jovem, tendo vindo procurar-lhe as lições, aprenderá a ciência pela qual veio. E acrescenta as palavras que definem bem o objetivo do trabalho do sofista:

Declaro que sou sofista e um educador e que o meu objeto de estudo é o bom-conselho sobre os assuntos domésticos, como melhor ele possa administrar a própria casa, e sobre os assuntos das cidades, como ele poderia ser mais capaz para realizar as coisas das cidades e para falar sobre elas. (PLATÃO, 1999, p. 318e5 - 319a2)

A educação sofística, portanto, não trata de formar profissionais ou especialistas tão-somente, mas cidadãos virtuosos e eloquentes para uma época situada.

6.2. Antropologia

Com os sofistas o “*antropos*” suplanta a “*physis*”. A inflexão antropológica é consumada. Num Estado que exaltava a figura do homem, do cidadão, bem como seu papel nas decisões políticas, na arte, na retórica e na educação, o homem torna-se centro das preocupações e problemas da realidade.

Com a nova concepção de Estado e com sua origem puramente humana, os sofistas deram um novo sentido a *polis*, como centro democrático, onde todos têm direitos e deveres morais. A educação, sendo um direito universal, torna o homem mais consciente de si mesmo e como centro de referências. Não há como negar que o momento histórico dos sofistas representa o momento (entenda-se início) do pensamento humanístico do povo grego. Atributos como: ser racional, político, moral, livre etc.. expressam uma pequena sombra que, paulatinamente, ganhará luz-própria e

iluminará todas as épocas modernas e, sobretudo, contemporânea, no assim chamado homem pluriversal.

Henrique Lima Vaz apresenta de modo sucinto, em sua obra, algumas características antropológicas fundamentais provocadas pelos sofistas. Ei-las:

- a) Conceito de uma natureza humana;
- b) Oposição entre convenção (nomos) e a natureza (physis) na organização das cidades e nas normas do agir individual;
- c) A concepção de um desenvolvimento progressivo da cultura;
- d) A análise do homem como ser de necessidades e carências;
- e) A idéia fundamental do homem como ser dotado de *logos*. (1991, p. 32-33).

A antropologia herdada pelos sofistas é uma espécie de prefiguração do homem moderno e contemporâneo, em seu estado de natureza.

Outra contribuição, para finalizar, importante está no conceito de Estado, como uma instituição convencional, fruto do consenso racional humano, chegando a influenciar teorias de autores como Tomas Hobbes e Jonh Locke. Os sofistas também orientaram grandes filósofos como Michel de Moutaigne, Nicolau Maquiavel e os chamados céticos e relativistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sofistas foram livres e universais em seu pensar. A abordagem gnosiológica e a maneira como responderam às exigências dos problemas do estado, da educação etc. lhes atribui um caráter original, senão único em sua época.

Certamente, hoje, é deveras muito fácil tachá-los de falsos filósofos, rábulas ou até mesmo de criadores de uma teoria imoral. Por outro lado, negar a sua construção teórica, embora muitas vezes assaz relativista e incipiente, revelaria superficialidade acerca do assunto e do problema. Além do mais, filosofia é a liberdade humana em ação através da racionalidade. E toda posição dogmática, no campo epistemológico, fere a essência filosófica, tornando-a uma luz opaca, presa em si mesma. Hoje, os estudiosos e especialistas no tema sofista são unânimes em afirmar que mesmo autores como Aristóteles bebeu em sua fonte.

Aprendi, neste breve trabalho, o valor e importância dos sofistas para a história da filosofia e do pensamento humano. E que problemas abordados e levantados por eles abriram espaços e campos para eventuais pesquisas e para filósofos como Sócrates, Platão e Aristóteles. A virada antropológica operada por eles representa a gênese do pensamento humanista. O relativismo da verdade e do conhecimento presente hoje nas ciências, tem no *homem mensura* de Protágoras sua origem. A educação como direito universal e voltada para o Estado, o próprio ceticismo que sempre margeou os grandes fundamentos humanos, sobretudo, no pensamento de Górgias, ganha consistência e vida-própria. O humanismo que no século XVI, a partir de René Descartes tornar-se-ia o centro das especulações filosóficas, destronando a *Regina filosofarum* ou metafísica, e que no Renascimento elevaria o homem aos altares; a política como arte de governar e dominar, através do discurso e da persuasão, o Estado moderno que em Maquiavel seria concretizado, são expressões de sua genialidade.

Portanto, os sofistas estão mais presentes, hoje, do que se possa imaginar. Seus lampejos constituem, também, a história da filosofia e do próprio conhecimento humano. Não há como negar sua influência e se a filosofia ao longo da história humana tem-se esforçado para responder questões as mais fundamentais humanas, a sofística foi um momento áureo com suas peculiaridades e criatividade.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

1. ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1979.
2. BECKER, Idel. *Pequena história da civilização ocidental*. 11^a. ed. São Paulo: Nacional, 1980.
3. COLEÇÃO OS PENSADORES. *Aristóteles, Ética a Nicômaco*. Tradução por Vincenzo Cocco. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
4. COLEÇÃO OS PENSADORES. *Aristóteles, Refutações sofísticas*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W.A. Pickard. São Paulo : Nova Cultural, 1987.
5. COLEÇÃO OS PENSADORES. *Os pré-socráticos: fragmentos, doxologia e comentários*. Tradução por José Cavalcante de Sousa. 2^a edição. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
6. COLEÇÃO DO PENSADORES. *Sócrates*. Tradução por Enrico Corvisieri e Mirtes Coscodai. São Paulo: Abril Cultural, 1999.
7. CORDON, J.M. Navarro e MARTINEZ, Tomas Calvo. *História da filosofia I*. tradução por Alberto Gomes. Departamento editorial 70. Lisboa/Portugal: Edição 70, 1995.
8. DUHOT, Jean-Joel. *Sócrates ou o despertar da consciência*. Tradução por Paulo Menezes. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
9. GUSDORF, G. *Mito e metafísica*. Tradução por Hugo di Primio Paz. São Paulo: Editora Convívio, 1979.
10. GUTHRIE, W. K. C. *Os sofistas*. Tradução por João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

11. JAEGER, Werner. *Paideia. A formação do homem grego*. Tradução por Artur M. Parreira. 2ª edição. São Paulo: Martins Fonte, 1995.
12. JAPIASSU, Hilton. *Questões epistemológicas*. 1ª Rio de Janeiro: Editora Imago, 1981.
13. KERFERD, G. B. *O movimento sofista*. Tradução por Margarida Oliva. 1ª edição. São Paulo: Editora Loyola, 2003.
14. LESKY, Calouster Gumbenkian. *História da literatura grega*. Tradução Manuel Losa. 3ª edição Lisboa, Calouste Gumbenkian, 1995, p.317)
15. LIMA VAZ, Henrique C. *Antropologia filosófica I*. 6ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
16. MARITAIN, Jacques. *Introdução geral à filosofia. Elementos de filosofia*. Tradução por Irene da Cruz Guimarães. 14ª edição. Rio de Janeiro: Agir, 1985.
17. MONDIN, Battista. *Curso de filosofia I*. Tradução por Benôni Lemos. 10ª edição. São Paulo: Paulus, 1981.
18. MONDIN, Battista. *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores e obras*. Tradução por J. Renard; revisão técnica Danilo Morales; revisão literária Luis Antônio Miranda. 15ª edição. São Paulo: Paulus, 2004.
19. MORRA, Gianfranco. *Filosofia para todos*. Tradução Maurício Pagotto Marsola. 2ª edição. São Paulo: Paulus, 2002.
20. OLIVEIRA, Manfredo de. *Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea*. São Paulo: Editora Loyola, 1996.
21. PLATÃO. *Protágoras*. Tradução Ana da Piedade Elias Pinheiro. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1999.

22. REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario. *História da filosofia I*. Revisto por Honório Dalbosco – L. Costa. 7ª edição. São Paulo: Paulus, 2002.

23. VILELA, Orlando. *Iniciação filosófica*. 3ª edição. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.